

CEDI - P. I. B.
DATA 04.05.88
COD KXD43

6/14/87
 No. 04
 Avaliação

I- Introdução

O principal objetivo da viagem foi o de realizar um levantamento de dados demográficos e da situação sócio-econômica e cultural dos grupos indígenas Kaxinauí e Kampa do rio Breu.

Estava também interessado em assessorar a cooperativa da comunidade Kaxinauí do Breu, implantada em Maio/86, com recursos no valor de Cz\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzados), oriundos da Oxfam/Inglaterra, através da Comissão Pro-Índio do Acre (CPI-Acre).

Minha presença na região foi ainda importante para intervir na solução de conflitos entre os Kaxinauí e o "patrão" seringalista do rio Breu, que se acentuou a partir da implantação da cooperativa indígena e da luta pela posse das colocações e estradas de seringa do Seringal Jacobina.

E, por fim, verificar a possibilidade de demarcação de uma reserva indígena no rio Breu.

Permaneci 40 dias na área, de Julho à Agosto/86, visitando demoradamente as famílias Kaxinauí, Kampa e a dos seringueiros/barranqueiros acreanos que lá vivem e trabalham há mais de 20 anos.

Desloquei-me a pé do rio Jordão, onde me encontrava encaminhando os recursos daquela comunidade indígena, caminhando cerca de 8 horas por varadouros e estradas de seringa, acompanhado pelos líderes Kaxinauí, Getúlio Sales Tenê e Elizeu Sereno, que tinham sido convidados pelos seus parentes e vizinhos do Breu para trocarem experiências com a administração de suas cooperativas. As presenças de meus companheiros de viagem, mais do que a minha, foram muito importante na assessoria que prestamos à comunidade Kaxinauí do Breu. Além de falarem a língua nativa, desde 1978 eles vêm administrando por conta própria a cooperativa do rio Jordão.

O rio Breu é de difícil acesso à navegação, principalmente nos meses de verão. E em toda a sua extensão é o limite natural entre a fronteira brasileira/peruana.

O líder Kaxinauí do Breu, Felipe Sereno, também nos acompanhou durante todo o nosso deslocamento pelas colocações de seringa ocupadas pelos seus parentes e ainda nos levou a conhecer as pequenas comunidades Campa do Breu e a base do Exército peruano em Tipisca, localizada no alto rio Juruá. Sem a companhia amigável destes líderes Kaxinauí dificilmente teria realizado esta viagem.

1) Nome e Língua

Em sua própria língua os Kaxinauá autodenominam-se Huni Kuin, que significa "os homens de verdade". Falam um idioma do tronco linguístico Fano, muito semelhante a língua falada pelos Jamináua, Arara, Poianáua, Nuquini, Iauanaú e Katuquina do Alto Juruá.

Os Kaxinauá do Breu, a exemplo dos que vivem nos rios Jordão, Tarauacá, Humaitá, Murú, Envira e Alto Purus, formam uma comunidade cuja identidade como grupo indígena está bastante forte.

Embora estejam dispersos espacialmente por uma área muito grande, as diferenças de dialetos são mínimas, o que constitui um fator fundamental da construção da identidade étnica do povo Huni Kuin.

A maioria dos homens Kaxinauá falam correntemente o português regional, podendo ser considerados bilingues. Já as mulheres e as crianças, em sua grande maioria, só falam mesmo no seu próprio idioma. Apesar de viverem na fronteira nenhum índio Kaxinauá fala o castelhano.

2) População e Localização

A população Kaxinauá do rio Breu é constituída atualmente por 105 habitantes, no total de 20 famílias conjugais, residindo em 18 casas ou barracas, dispersas nas colocações das "margens" e "centros" do Seringal Jacobi na, localizado nas cabeceiras daquele rio.

Em Agosto/86 realizei um censo detalhado da população Kaxinauá do Breu, segundo a faixa etária/sexo, as metades duabaké/inubaké e as colocações e estradas de seringa atualmente ocupadas no Seringal Jacobina. Resumi o censo conforme os três quadros abaixo:

quadro nº 1 : Censo por faixa etária/sexo

faixa etária	homens	mulheres	sub-totais
-1 a -5 anos	20	10	30
5 a -10 anos	04	06	10
10 a -15 anos	02	03	05
15 a -20 anos	10	04	14
20 a -25 anos	03	08	11
25 a -30 anos	04	03	07
30 a -35 anos	01	04	05
35 a -40 anos	04	02	06
40 a -45 anos	03	03	06
45 a -50 anos	02	01	03
50 a -55 anos	-	-	-
55 a -60 anos	01	-	01
+ de 60 anos	04	03	07
Total	58	47	105

- Kaxinauá detém a posse de apenas 13 colônias de terras no rio Breu. As 8 restantes estão em poder do patrão do Seringal Jacobina e estão ocupadas pelas famílias de seringueiros acreanos;
- 11- Os seringueiros Kaxinauá conjugam as atividades extrativistas com os seus roçados de subsistência. São melhores agricultores do que os seringueiros acreanos. O inverso acontecendo com a borracha;
 - 12- Existem 16 famílias de seringueiros acreanos no rio Breu, com aproximadamente 120 habitantes;
 - 13- Existem 12 famílias de barranqueiros acreanos, com cerca de 92 pessoas dentro da área do rio Breu;
 - 14- Os seringueiros/barranqueiros acreanos, que habitam o rio Breu, são constituídos, portanto, de 28 famílias com aproximadamente 212 pessoas;
 - 15- Os Kaxinauá do Breu formam uma população relativamente pequena numa área densamente povoada por regionais. Atualmente eles constituem menos da metade da população brasileira (ou acreana) do rio Breu;
 - 16- Toda a população do povo Kaxinauá é estimada em aproximadamente 3 mil habitantes e suas comunidades são encontradas tanto do lado brasileiro como peruano, principalmente nos rios Jordão (área de maior concentração da população Kaxinauá, com cerca de 800 índios), Tarauacá, Murú, Humaitá, Envira e Purus no Estado do Acre e Alto Purus e Curanja no Peru. Migraram para o Purus peruano no início deste século fugindo das "correrias" e do avanço da frente extrativa da borracha e do caucho;

3) Atividades Econômicas

Os Kaxinauá do Breu vivem da seringa e dos seus roçados de subsistência, aonde plantam, sobretudo, a mandioca mansa (ou macaxeira), o milho, a banana, o cará, a batata, a melancia, o gervim e o amendoim. Praticam uma agricultura de coivara voltada exclusivamente para o consumo familiar, porque não há mercado para a venda de seus produtos agrícolas. A cidade mais próxima do Breu, Cruzeiro do Sul, fica 5 dias de baixada e 8 dias de subida pelos rios Juruá e Breu.

Para adquirirem os manufaturados, que já são essenciais à sobrevivência nos altos rios, são obrigados a trocarem por suas produções de borracha com seringalistas e regatões ou marreteiros.

Os Kaxinauá são também excelentes caçadores e pescadores. A caça é relativamente abundante no rio Breu, principalmente nas matas do lado peruano, que é totalmente desabitada. Dedicam-se mais à caça ou à pesca de acordo com as estações do ano. No verão, embora não deixem de caçar, pescam com mais frequência. O Breu é considerado um rio piscoso. Formam-se vários poços no seu leito, que ficam cheios de surubim, curimatã, matrixã e mandim.

Acervo ISA
07
Fl. 07
Instituto de Arqueologia e Etnologia

seus povos, vida coletivas com uma, uma espécie de
peçosa individualmente utilizando-se anzóis e tarrafas. No inverno caçam
com mais frequência, seja utilizando cachorros, solitários na mata ou com
um companheiro. Quando caçam com dois, quem mata dá a caça ao outro compa-
nheiro. As principais caças encontradas nas matas do Breu são o veado, o
catitu, a anta, a paca, a cotia, várias espécies de macaco e aves, como o
mutum, o cojubim e o jacú. Para caçar utilizam exclusivamente espingardas
e munições e não mais arcos e flechas.

Quase todos os grupos domésticos possuem criação de galinhas, pa-
tos e poucos possuem porcos e nenhuma cabeça de gado.

4) Aspectos Culturais

Os Kaxinauá do Breu já não vivem em suas antigas malocas ou cupi-
chau, como eles falam, mas em colocações de seringa dispersas ao longo de
seus afluentes ou igarapés. As casas dos Kaxinauá são semelhantes as dos se-
ringueiros acreanos.

Já não fazem mais os seus antigos rituais do Katchá (mariri) ou
do Tirin (festa do gavião). Quando fazem festa é forró regional, utilizan-
do-se eletrolas, discos, violões, pandeiros e chocalhos. Comemoram seus ani-
versários e participam das festas de santos e padroeiros da região.

Também não fazem mais as pinturas corporais e nem usam mais orna-
mentação especial.

O artesanato, ao contrário do que ocorre entre os seus vizinhos do
rio Jordão, é pouco desenvolvido. As técnicas de cerâmica, tecelagem e arte
plumária estão praticamente esquecidas, salvo raras exceções entre as mulhe-
res mais velhas.

Embora esses aspectos da cultura material não sejam visíveis, isso
não significa de maneira nenhuma a ausência de uma cultura Kaxinauá distinta.
No caso dos Kaxinauá do Breu a identidade étnica deve ser aferida de maneira
distinta da que se utiliza para os casos de grupos indígenas com pouco con-
tato. Se não vejamos:

- a- A persistência da língua indica a manutenção de uma identidade cultural
própria;
- b- Existe ainda uma clara preferência pelo casamento endogâmico com referên-
cia ao grupo étnico;
- c- As relações de parentesco constituem uma linguagem tão importante para o
entendimento da sociedade Kaxinauá, quanto para qualquer outro povo indí-
gena;
- d- Estão divididos em duas metades patrilineares, cada uma com dois nomes,
um para os homens e outro para as mulheres. Na metade inubakê, os homens
são inu e as mulheres inani; e na outra metade duabakê, os homens são cha

metades duas e as mulheres banu. Estas metades são exogâmicas, a saber, um
meio de uma metade só pode casar-se com mulheres da metade oposta.

- e- A regra de residência, ao contrário da patrilinearidade das metades, é m
local ou uxori-local. Um homem, normalmente após o casamento, passa a resi
junto ao grupo doméstico dos pais de sua esposa, havendo desse modo, uma
dança no locus de autoridade, daquela de seu pai para a de seu sogro. Ele
passa a ter obrigação de cooperar e ajudar economicamente o seu sogro, de
monstrando-lhe deferência, respeito e apoio político;
- f- O casamento preferencial é com a prima cruzada bilateral;
- g- Além de receberem um nome em português (nome pessoal), tem o seu nome na l
gua indígena. Um homem recebe o seu nome de seu avô paterno (real ou clas
ficatório) e uma mulher recebe o seu da irmã do pai de seu pai;

Existem várias exceções a estas regras culturais, enumeradas a
ma, o que não quer dizer que elas deixem de existir enquanto norma. Não se de
ve confundir padrão ideal com a verificação empírica para todos os casos.

5) Breve Histórico do Contato

Desde o final do século passado que os Kaxinauá foram alcançados
por duas frentes extrativistas, uma itinerante e de curta duração, composta
por caucheiros peruanos e a outra estável e sedentária, formada por seringali
tas/seringueiros brasileiros.

O processo de ocupação e colonização da região do alto Juruá, ha
tat tradicional do povo Kaxinauá, foi extremamente violento e realizou-se em
tempo relativamente curto.

A frente caucheira deslocou-se dos vales do Alto Ucaiali, passan
do por varadouros abertos na mata até as cabeceiras do Alto Juruá. A sua curta
duração na região ocupada pelos Kaxinauá deixou marcas profundas na vida dess
povo. Já a frente da seringa, penetra^{ou} profundamente nos antigos territórios
indígenas e é de profunda significação para os Kaxinauá até nos dias de hoje.

Estas duas frentes de expansão praticamente cercaram o povo Kaxi-
nauá, expulsando-o de seus antigos territórios. Tanto os caucheiros peruanos
como os seringalistas brasileiros organizaram as violentas "correrias" ou ma-
tança organizada de índios, que expulsaram e exterminaram os Kaxinauá. Um dos
métodos mais utilizados pelos caucheiros consistia em escravizar um bom número
de índios jovens, eliminando os indivíduos maduros e anciãos, e afastá-los de
pois de seu lugar nativo para dispor de mão-de-obra resignada e tranquila, tra
balhando até a exaustão para seus patrões. Já os seringalistas, dispendo no in
cio de grandes contingentes de mão-de-obra nordestina, realizaram a política de
terra arrasada. Matavam indiscriminadamente os índios com a intensão de limpar
a área para estabelecerem os seus seringais e darem tranquilidade aos seus se-
ringueiros nordestinos.

As "correrias" foram intensas até a segunda década do século XX, época do auge do caucho e da borracha. Com a queda dos preços da borracha/caucho no mercado internacional as "correrias" foram diminuindo progressivamente. Continuaram a ser organizadas, mas com a intenção de incorporá-los como força de trabalho nos seringais da região.

Os Kaxinauá falam muito no nome de um mateiro famoso do alto Juruá, chamado Felizardo Cerqueira, que amansou muitos índios e que viveu muito tempo no meio deles nos rios Jordão e Breu. Foi o primeiro patrão dos Kaxinauá destes dois rios citados acima.

Indagados sobre o "tempo das correrias", como eles classificam o início do contato interétnico, ou melhor, o início da história do contato, os velhos Kaxinauá, que vivem no rio Breu, responderam:

" Eu não sei contar de certo, pois já nasci no meio dos cariu (branco). Os velhos daquele tempo contava. Dizi que de primeiro os Huni Kuin vivia espalhado pelas cabeceiras dos igarapé desse Breu, do rio Jordão, do rio Tarauacá, esse Envira, Murú, Humaitá. Vivia nesses rio muito antes dos cariu e dos peruano chegar por aqui, atrás de seringa e de caucho. Os peruano foi os primeiro a chegari aqui nesse Breu. Chegaru por aqui e foram matando muitos caboclo brabo. As maloca antiga, maior parte, era nas cabeceira desse igarapé Busnã. Inté hoje tem capoeira por lá desse cupichau dos brabo. Tem muitos vestige de cupichau nas água desse Breu e Jordão. Quando começou as correria foru se espalhando tudo. Mataru um bocado de Huni Kuin e os Huni Kuin mataru um bocado deles também. Só pararu de matar depois que apareceu o Felizardo Cerqueira. O Felizardo foi amansando pra botar pra trabalhar pra ele, trabalhar na seringa pra ele e nos roçado dele. Os brabo chegavu desconfiado, mas aí o Velho Felizardo foi agradando, foi agradando um e outro e não deixava matar mais. Primeiro ele amansou os que vivia no Tarauacá, no Murú e no Envira, depois ele trouxe os manso pro Jordão e depois é que amansou essa turma que tinha ficado nas cabeceira do Breu. Tem muita capoeira de cupichau e de roçado antigo pro aqui. Tem é muita caco e pedaço de timbungo velho nas cabeceira do Breu. Se o senhor quizer lhe mostro pro senhor ver. Essa terra dêsse Breu é nosso, de primeiro, de antigo que é nosso." Depois que os patrão tomaru isso aqui na bala, mataru muito da nossa gente e agora dizi que isso aqui é deles, que compraru essa terra. Agora nós quer ao meno um pedaço de terra aqui nesse Breu pra nós poder viver sossegado, sem viver no cativeiro de patrão de seringal. Nós quer que Funai vem demarcá um pedaço de terra pra nós também viver tranquilo, sem aperreio de pagar renda pra nós viver na nossa terra."

(depoimento do Velho José Paraíba Kaxinauá - rio Breu. Agosto de 1985)

Uma vez submetidos por estes organizadores de "comunidade" passaram a se vincular como trabalhadores dos seringais que haviam deixado em seus antigos territórios. Passaram a viver um novo momento histórico do contato, que eles chamam de tempo do "cativeiro". Foram utilizados como caçadores, mateiros, varejadores, diaristas, colonheiros e seringueiros, recebendo em troca apenas a comida e algumas mudas de roupa. Passaram a depender do barracão dos seringais.

Para a devida compreensão da empresa seringalista a que se submeteu a população Kaxinauí, é necessário que se entenda uma instituição básica que lhe é modelar e específica. Trata-se do "aviamento". O produtor recebia de seu aviador tudo aquilo que necessitava para realizar a produção da borracha, aí incluindo os instrumentos de trabalho, alimentos, roupas e utensílios diversos. O pagamento do aviamento era feito através da venda da totalidade da produção de borracha ao aviador ao preço por ele fixado. Novo fornecimento se faz e assim o processo continua, sem que haja nenhuma circulação de dinheiro. Antes mesmo de começar a cortar seringa o produtor já estava endividado. É esta engrenagem que Euclides da Cunha (1976:109) qualificou de "a mais criminosa organização do trabalho", constatando que "o seringueiro realizava uma tremenda anomalia; é o homem que trabalha para escravizar-se".

Até meados da década de 1970 os Kaxinauí vivem submetidos aos padrões de seringais como mão-de-obra superexplorada. São ainda obrigados a pagar ronda das estradas de seringa para poderem trabalhar nos seringais. Tem agora que ter a autorização dos patrões de seringais para viverem em seus antigos habitats.

A partir de então uma nova frente pioneira atinge a região do alto Juruá. Trata-se de uma frente agropecuária, que se instalou como empreendimento econômico, através da compra de inúmeros seringais, visando a criação de um mercado de terras. A vanguarda dessa frente sendo composta, sobretudo, de investidores, especuladores de terras e grileiros profissionais.

Somente a partir de 1976 a Funai instalou uma Ajudância em Rio Branco-Acre e começou a identificar as áreas indígenas na região aonde vivem os Kaxinauí.

As eleições de áreas indígenas tem criado expectativas entre os índios Kaxinauí em relação aos seus direitos históricos e legais no tocante à posse permanente e definitiva de suas terras. Como quase todas elas estão invadidas por patrões seringalistas, agropecuaristas e também por seringueiros e barranqueiros (colonos), os conflitos começaram a surgir, porque os índios com razão, querem suas áreas, e os patrões, por sua vez, alegam que só as entregarão depois que a Funai demarcá-las oficialmente. Os seringueiros e barranqueiros reivindicam a indenização de suas benfeitorias.

Até 1985 os Kaxinauá do rio Breu não tinham recebido nenhuma assistência por parte da Funai e das entidades indigenistas não-governamentais, que atuam há mais de dez anos no Acre/Sul do Amazonas.

Viviam numa situação muito precária. Não tinham direito sequer às suas produções de borracha, nem tampouco o direito de comprar manufaturados aonde melhor lhes conviessem. Eram obrigados a entregar toda a produção de borracha e adquirir em troca manufaturados tabelados a preços exorbitantes apenas no barracão do patrão do rio Breu. E ainda eram obrigados a pagar 70 quilos de borracha por parelha de estrada de seringa que ocupavam dentro de sua área. Frequentemente o patrão do Breu, por qualquer motivo, tomavam-lhes estas estradas ou os expulsavam das colocações de seringa. O poder do patrão, até então, era absoluto sobre os Kaxinauá, não havia onde vender as suas bor- racha ou comprar manufaturados fora do barracão.

O sistema de aviamento, o monopólio comercial e o esquema de coerção de mão-de-obra, inclusive com apelo à violência, praticamente tornavam os Kaxinauá em verdadeiros escravos dos sucessivos patrões seringalistas do rio Breu.

Quando as lideranças Kaxinauá do Breu, mais recentemente, começaram a participar das assembléias indígenas regionais, organizadas pela UNI-Norte e pelas entidades indigenistas locais, e começaram a lutar pela posse efetiva de suas estradas e colocações de seringa, inclusive deixando de pagar a renda das estradas de seringa que ocupavam produtivamente, passaram a sofrer todo tipo de represálias e perseguições, desde agressão física até o boicote econômico, com o corte de créditos das mercadorias que já são necessárias às suas sobrevivências.

Desde então os Kaxinauá do Breu vinham reivindicando financiamentos para organizarem por conta própria e com mais autonomia as suas safras de bor- racha. Já conheciam o movimento de cooperativa dos Kaxinauá do rio Jordão, pois visitam e recebem visitas de seus parentes de lá, e sabem a importância que ela representou na luta pela demarcação daquela área indígena.

O líder indígena, Felipe Sereno, que migrou do Jordão para o Breu, era um dos mais perseguidos pelo patrão do Seringal Jacobina, que o acusava de agitador e de querer tomar-lhe o seringal alegando ter o apoio das entida- des indigenistas e da UNI-Norte, das quais se dizia representante. Para com- prar mercadoria era obrigado a se deslocar até Cruzeiro do Sul, gastando 5 dias de baixada e 8 dias de subida, para adquiri-las.

Na última Assembléia de Lideranças Indígenas realizada em Rio Bran- co, em Abril/86, mais uma vez o líder Felipe Sereno fez um apelo às entida-

Indigenistas para organizarem por conta própria a safra de sua área. Tão logo terminou esta assembleia, a Comissão Pro-Índio caminhou recursos no valor de Cz\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzados) através dos indigenistas Antonio Macedo, funcionário da Administração Regional da Funai em Rio Branco e Antonio Ferreira da Silva Apurinã, representante da UNI-Norte, que acompanharam o líder Felipe Sereno até o rio Breu para implantarem a cooperativa de produção e consumo da comunidade Kaxinauá. As presenças dos assessores da Funai e da UNI-Norte, juntamente com as mercadorias adquiridas em Cruzeiro do Sul, deram novos ânimos aos Kaxinauá do rio Breu. Foi a primeira vez que eles receberam uma ajuda concreta e sentiram que não estavam mais isolados na luta pelo reconhecimento dos direitos de suas terras imemoriais.

Os cinquenta mil cruzados foram aplicados integralmente na aquisição de instrumentos de trabalho (terçados, machados, enchadas, pigelinhas de seringa, bacias p/ defumar, lâminas p/ facas de seringa, balança/150 Kgs., forno p/ casa de farinha etc.), estivas (sal, sabão, querosene, açúcar, óleo comestível etc.), armas e munições (chumbo, pólvora, espoletas e cartuchos), miudezas (papelim, colheres, pratos, anzóis, linha de costura, agulhas, giletes, isqueiros, pilhas etc.), combustíveis (gasolina e óleos lubrificantes), investimentos (motor Brigg e Stratton de 10 hp e rabeta) e, em dinheiro, para capital de giro da cooperativa, a importância de Cz\$ 9.298,00 (nove mil duzentos e noventa e oito cruzados). O total dos recursos foram assim empregados:

a- Instrumentos de trabalho	: Cz\$ 15.337,00	(31%)
b- Estivas	: 1.753,40	(4%)
c- Armas e Munições	: 6.225,00	(12%)
d- Tecidos e Miudesas	: 7.662,60	(15%)
e- Combustíveis	: 2.363,00	(5%)
f- Investimentos	: 6.000,00	(12%)
g- Capital de Giro	: 9.298,00	(19%)
h- Gastos a/ comprovantes	: 1,00	(-)
Total	Cz\$ 50.000,00	(100%)

Uma vez implantada a cooperativa, em Maio/86, todos os Kaxinauá romperam com o monopólio comercial do barracão do Seringal Jacobina. Passaram a comprar mercadorias mais baratas e diversificadas e a vender por melhores preços a sua produção de borracha na cooperativa.

Enquanto a Cooperativa Kaxinauá vende os manufaturados com um acréscimo de apenas 30% sobre o seu valor de compra na cidade de Cruzeiro do Sul e paga o quilo de borracha aos seus associados a Cz\$ 14,00 (quatorze cruzados), o barracão do patrão do Breu vende mercadorias a preços exorbitantes e paga somente Cz\$ 12,00 (doze cruzados) pelo quilo da borracha. O quadro a-

compara os preços dos manufaturados vendidos pela Coop. com aqueles trocados pelo barracão do bairro do Breu, com a ressalva de que as mercadorias da Cooperativa foram adquiridas em Maio/86 e as do barracão em Outubro/85, portanto, com mais de seis meses de diferença:

Mercadorias	Preços na Cooperativa	Preços no Barracão
1 litro de querosene	Cz\$ 6,50	Cz\$ 10,00
1 Kg de sal	1,95	5,00
1 Kg de açúcar	5,85	10,00
1 Kg de chumbo	39,00	70,00
1 Kg de pólvora	100,00	180,00
1 espoleta tupan	0,10	1,00
1 espoleta nº 50/60	0,50	1,50
1 cartucho capa metal	13,50	20,00
1 espingarda rossi	1.495,00	2.000,00
1 terçado 128	32,50	50,00
1 machado	71,00	150,00
1 tigelinha de seringa	1,30	3,00
1 faca de seringa	105,00	200,00
1 bacia p/ defumar	130,00	-
1 panela nº 50	598,00	-
1 calça p/ homem	156,00	-
1 camisa social	143,00	300,00
1 m. morim	13,00	35,00
1 m. mescla	20,00	50,00
1 m. de lona	20,00	60,00
1 m. de flanela	26,00	-
1 agulha mão	0,20	1,00
1 dúzia botões	4,00	-
1 pilha grande	3,60	10,00
1 prato esmalte	13,00	-
1 colher inox	3,30	-
1 livro papelim	0,60	2,00
1 par de sapatos	39,00	90,00
1 rede grande	-	450,00
1 garrafa de cachaça	-	50,00
1 motor rádio	884,00	-
1 Kg de prego	12,00	-
1 carro linha p/ tarrafa	52,00	-
1 litro de gasolina	4,00	10,00

Depois da implantação da Cooperativa houve um acirramento entre os Kaxinauá e o antigo patrão seringueiro do rio Breu, devido às colocações e estradas de seringa. O patrão, alegando dívidas anteriores e históricos dos Kaxinauá com o seu barracão, ameaçava tomar-lhes as suas produções de borracha. Realizou também várias reuniões com os seus seringueiros, tentando jogá-los contra os índios. Escreveu ainda documentos escabrosos, manipulando com os nomes dos seringueiros acreanos, que foram enviados às principais autoridades do município de Cruzeiro do Sul e do Estado, incriminando os índios, o indigenista da Funai e o representante da UNI-Norte. Até intimações policiais do sub-delegado da Foz do Breu foram feitas com o intuito de amedrontar os índios e as suas lideranças. A intensão de tudo isso era claramente a de acabar com o movimento de cooperativa dos Kaxinauá. O documento, transcrito na íntegra abaixo, é bem ilustrativo. Foi escrito pela esposa do atual patrão do Breu, Sr. Cândido Ferreira Rodrigues, em nome dos seringueiros acreanos do rio Breu:

Seringal Breu, 19 de Maio de 1986

Estivemos em uma reunião hoje, no dia 19 de Maio, na colocação Transual, junto com o senhor Macedo (indigenista da Funai) e o seu secretário índio Antonio Apurinã (representante da UNI-Norte).

Estiveram na reunião as seguintes pessoas: José Rodrigues de Araújo, vulgo Zuza, Manoel Ferreira, Mariano Dias, Manoel Brito e o senhor Raimundo Cruz. Todos são brancos. Ouvimos as seguintes palavras, ele o senhor Macedo falou primeiro pra nós brancos ficarmos sabendo que todas estas terras do Breu, que nós moramos a partir desta data pertence aos índios Kaxinauás, pois a terra é indígena e que nós não poderíamos ficarmos neste seringal mais nem um dia e nem podia colher nem a agricultura que tinha e que nossas plantações nem o campo da sede valia nada, não tinha direito de indenizações, que o patrão não tinha nada neste seringal, que nós não tinha o direito de cortar nem um varejão e que o nosso patrão só ia chegar aqui mentindo e que ele era um traidor. E toda a verdade era dele, do senhor Macedo. Nós já trabalhamos a tantos anos com o nosso patrão e nunca alcançamos ele mentindo. Ele só aconselha pra o nosso próprio bem. O Senhor Macedo falou também que tinha informação do patrão dada pelo Renato Mota (sub-delegado de polícia da Foz do Breu), pois se dava muito com ele e de tudo ele informava. O senhor Macedo disse que não estava muito satisfeito com o Renato pois ele não tinha dado apoio e foi contra os índios. O senhor Macedo falou que nós podia tomar as terras do senhor Tertuliano, pois ele era um gaúcho e estava tomando nossas terras. Como ele podia tomar as nossas terras pra dar pros índios, nós podia também invadir qualquer uma. Se nós quizesse essas terras procurasse ele, que ele dava uma ajuda, fazia até empréstimo pra nós mediante as terras do Tertuliano.

Ele, o senhor Macedo, falou pra nós, que nós só podia ficar aqui até

Acervo
Agosto

Fls. 116
Rubrica

se os índios desse o consentimento, mas sem cortar a produção era pra cooperativa dos índios, que o patrão não ia ter direito de arreceber nem as contas dos freguezes e que nem aqui vinha mais. E ainda nos aconselhou pra não pagar mais a conta que nós devia a ele. Deixou ainda uma ordem para o Felipe Sereno (chefe Kaminaú do rio Breu) expulsar o patrão de sua propriedade e os índios tomasse conta do barracão. Se o patrão não quizesse sair, os índios não fizesse nada, deixasse até Cruzeiro do Sul, telefonasse pra ele, que ele não vinha, mais mandava a Federal vim expulsar o patrão e os freguezes. Disse também que não era ele que vinha fazendo isto, vinha fazendo sim mais com ordem do Governador e do Presidente da República, pois nós brancos não tinha culpa de ser brancos e nem eles tinha culpa de ser índios. Nós achamos que esta época não era época de ninguém sair de um lugar para outro, porque nós seringueiros não temos condições de sair assim com as mãos na cabeça, pois somos pais de família e nós não temos pra onde ir. Os índios tem muitas terras no rio Jordão desocupada, que eles podem ir pra lá, pois eu Zuza, sou morador a 33 anos neste lugar e sou conhecedor que no Seringal Revisão tem 50 estradas de seringa na área indígena que estão desocupadas, pois ando quase todos os dias nesse lugar, pois tenho família que mora neste seringal. Sabemos que nesse seringal Breu só tem 21 parrelha de estrada de seringa e estão 16 ocupadas pelos brancos e 5 ocupadas pelos índios e 1 parrelha e meia do lado do Peru também ocupada pelos índios autorizados pelo patrão. Alegamos também que estas terras do rio Breu é de um lado Brasil e do outro Peru, da boca as cabeceiras.

Senhor Presidente da República, senhor Governador do Estado do Acre, senhor Prefeito de Cruzeiro do Sul e demais autoridades, pedimos carcidamente as vossas ajudas, pois com a passagem deste senhor Macedo ficamos todos moradores brancos preocupados com as irregularidades que ele veio fazendo com nós. Se o senhor patrão não chegasse tão depressa pra nos aconselhar pra cada um ficar em seus lugares até chegar o conhecimento da verdade, nós tínhamos baixado até Cruzeiro do Sul pra pedir uma ajuda ao nosso prefeito, pois era a quem nós podia se dirigir mais de perto. Não era tão bonito nós brancos, que somos moradores antigo deste seringal, chegar até na porta da Prefeitura de Cruzeiro do Sul, fazendo greve e pedindo um pedaço de pão pros nossos filhos para não vê-los morrendo de fome. Agradecemos não ter chegado esta ocasião ao nosso patrão que chegou a tempo. Achamos que as promessas que o senhor Macedo nos deu era todas mentirosas.

Achamos que o Governo está dando mais apoio para os índios do que pra nós brancos, pois somos nós que damos produção de borracha ao Brasil e não os índios. Achamos que nós somos esquecidos por morar tão distante, nem sequer falam no povo do Seringal Breu (Jacobina). Nós somos também eleitores e mais

Arquivo
MISA

Fls. 77
Módulo 1/2

atender, pois ela entende de enfermagem, sem ganhar nada, pois ela atende tudo de graça. Também se achamos com os peruanos lá em Tipisca sobre essa parte de saúde.

Agradecemos a Dom Henrique (bispo de Cruzeiro do Sul) por estar do nosso lado. Ficamos muito satisfeitos por já encontrar em nossas mãos o material de uma capela dada pelo padre Jorge e uma escola dada pelo nosso Prefeito João Barbosa. Coisas que nunca esperamos acontecer está acontecendo agora no poder do nosso patrão Cândido Ferreira Rodrigues. Já temos professora a 4 anos trabalhando com o maior esforço pra educação de nossos filhos. Também somos católicos e só ouvimos a voz do padre de ano em ano e nem todos participam por morarem muito longe e quando ele chega num dia e volta no outro. E tendo capela todos nós podemos participar das festas. "

Tão logo cheguei ao rio Breu, em meados de Julho/86, constatei que as relações entre os Kaxinauá e o patrão do Seringal Breu eram tensas e estavam extremamente conflituosas.

Os Kaxinauá temerosos que o patrão tomasse as suas pelias de borracha as escondiam no meio da mata.

Vários índios seringueiros vinham recebendo ameaças de que seriam expulsos de suas colocações e que não podiam mais ocupar as estradas de seringa, já que não entregavam mais as suas produções de borracha ao barracão do Seringal Jacobina.

O patrão do Breu pressionava a liderança Kaxinauá da Cooperativa, difundindo intrigas e fofocas, ou então diretamente através de cartas, como a que transcrevo abaixo, em que dizia contar até com o apoio da Funai, alegando que a área indígena do Breu não iria ser demarcada tão cedo:

" Felipe Sereno peço que você mande desocupar a colocação Sinerál pois lá é de branco. Eu fui lá na Funai em Rio Branco e falei com o Delegado da Funai e ele me disse que o Macedo e o Terri vinha só dar uma olhada por aqui e não era pra expulsar ninguém. Todo mundo pode plantar, pois ainda vai demorar resolver a situação da terra por aqui." Eu falei com o Macedo, expliquei tudo e falei que não hia sair nenhum branco daqui enquanto não forem tudo indenizado. Eu quero receber de qualquer jeito a dívida que os caboclo tem no meu barracão. E você sabe muito bem o que o Belúcio (engenheiro agrimensor da Funai) falou pra você trabalhar no acordo comigo. Com a nossa vista se entenderemos melhor. Assina, Cândido Ferreira Rodrigues, patrão do Seringal Jacobina "

Diante dessa situação conflitiosa propus às lideranças Kaxinauá intermediar um acordo entre eles e o patrão do Seringal Breu, com base nos se-

... para a Funai em Rio Branco assina o pagamento do...

implantação da Cooperativa Kaxinauá do rio Breu, trinta e três mil, sete cruzados e dez centavos) patrão do Seringal Jacobina. E este, por sua vez, Kaxinauá a entregar-lhe as suas produções de borraça do "cativeiro do patrão" e, de agora em diante livremente pela Cooperativa, a melhores preços, no Estado do Sul. Para os Kaxinauá o pagamento desse débito da Funai no financiamento da safra de borraças e estradas de seringa atualmente ocupadas pelas posses efetivas da comunidade indígena. O patrão não de cobrar a renda dessas estradas de seringa, nem tampouco tentar expulsar-lhes de lá. Por outras lideranças reconhecem as colocações e estradas dos seringueiros "brancos", até que a Funai lhes paguem as indenizações. O mesmo respeito que os Kaxinauá tem pelos índios, estes devem ter pelas colocações e estradas dos brancos. Assim, deste modo se evitará a eclosão de conflitos entre os Kaxinauá e os brancos do Breu.

... para deverão fazer, no prazo mais curto de tempo, para as benfeitorias dos ocupantes não-índios (particularmente os portugueses) e agilizar a demarcação da área indígena do rio Breu, para que os não-índios possam retirar-se da área do Breu logo que receberem suas benfeitorias.

... em 1986, a Administração Regional da Funai no Acre assinou os seguintes três pontos do acordo. O que esperamos que...

até fins de Agosto/86, os seringueiros Kaxinauá entregaram à Cooperativa 1.573 quilos de borraça crua. Segue abaixo o balanço comercial de todos os seringueiros Kaxinauá do Breu, até fins de Agosto/86:

... (Seringal do Português) : débito das mercadorias adquiridas na cooperativa: Cz\$ 4.585,35 ; haver de 100 Kgs. de borraça a 14,00 o Kg. ; débito, portanto, de Cz\$ 3.185,35 .

... (Seringal do São Português) : mercadorias adquiridas na cooperativa: Cz\$ 2.400,00 ; haver de 70 quilos de borraça a 14,00 o Kg. ; saldo um caldo de Cz\$ 435,50

... (Seringal do São Sinceral) : mercadorias adquiridas na Cooperativa: Cz\$ 1.500,00 ; haver de 130 Kgs. de borraça a 14,00 o quilo

- 3- ... ; valor das mercadorias adquiridas na cooperativa = Cz\$ 1.703,95 ; haver de 122 Kgs. de borracha).
- 4- Manoel de Jesus Eui (colocação Sinerai) : valor das mercadorias adquiridas na cooperativa = Cz\$ 1.374,92 ; haver de 50 Kgs de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 700,00 ; apresentando um débito de Cz\$ 674,92 (correspondente a 48 quilos de borracha).
- 5- Raimundo Mourão (colocação Busnã) : valor das mercadorias adquiridas na cooperativa = Cz\$ 1.766,45 ; haver de 45 Kgs de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 630,00 ; débito de Cz\$ 1.136,45 (correspondente a 81 Kg de borracha).
- 6- Laureano Henrique Manduca (colocação Busnã) : mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 4.165,20 ; haver de 80 Kgs de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 1.120,00 ; débito de Cz\$ 3.178,35 (correspondente a 227 Kg de borracha).
- 7- Leal Henrique (colocação Transual) : mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 4.165,20 ; haver de 60 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 840,00 ; débito de Cz\$ 3.325,20 (correspondente a 237 Kg de borracha)
- 8- Francisco Rodrigues (colocação Busnã) : mercadorias adquiridas na Cooperativa no valor de Cz\$ 2.539,45 ; por motivos de doença não tinha entregue nenhum quilo de borracha (ficando, portanto, com um débito correspondente a 181 Kg de borracha).
- 9- Miguel Andrade da Silva (colocação Transual) : débito na cooperativa de Cz\$ 2.543,10 ; haver de 136 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 1.904,00 ; débito de Cz\$ 639,10 (correspondente a 46 Kg de borracha).
- 10- Raimundo Martins (colocação Paracurú) : débito na cooperativa no valor de Cz\$ 1.139,95 ; haver de 104 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 1.456,00 ; saldo de Cz\$ 317,00
- 11- Maurício Herculano (colocação Busnã) : débito com a cooperativa no valor de Cz\$ 1.892,80 ; haver de 45 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 630,00 ; Débito de Cz\$ 1.262,80 (correspondente a 90 Kg de borracha).
- 12- José Rubens Martins (colocação Paracurú) : débito com a cooperativa no valor de Cz\$ 1.483,90 ; haver de 186 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 2.604,00 ; apresentando um saldo de Cz\$ 1.120,10 .
- 13- Edgar Viana (colocação Ofel) : débito de mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 422,25 ; é barranqueiro, não corta seringa ; vai pagar o débito com a venda de seu feijão "poroto" no final da safra.
- 14- Fernando Henrique Manduca (colocação Busnã) : mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 786,85 ; haver de 70 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 980,00 ; saldo de Cz\$ 193,15 .

- 15- ... e da Silva (colocação Transual): mercadorias adquiridas no valor de Cz\$ 1.360,60 (correspondente a 97 quilos de borracha) não entregou nenhum quilo de borracha na cooperativa porque estava doente.
- 16- José Mourão (colocação Busnã): mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 271,10 ; haver de 50 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 700,00 ; apresentando um saldo de Cz\$ 428,90
- 17- Milton Pereira (colocação Transual): mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 3.815,10 ; haver de 215 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 3.010,00 ; apresentando um débito de apenas Cz\$ 805,10 (correspondente a 57 Kg de borracha).
- 18- Rubens Martins (colocação Paracurú): mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 1.314,65 ; haver de 190 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 2.660,00 ; apresentando um saldo de Cz\$ 1.345,35
- 19- Joaquim Samuel (colocação Transual): mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 1.339,50 (correspondente a 96 Kg de borracha). É velho, aposentado recentemente pelo Funrural e não dispõe de estradas de seringa para cortar, por isso não entregou nenhum quilo de borracha na cooperativa.
- 20- Crispim Samuel (colocação Transual): mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 229,15 ; haver de apenas 12 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 168,00 ; apresentando um débito de Cz\$ 61,15 (correspondente a 5 quilos de borracha). É um Kaxinauá velho, corta umas dez seringueiras, quando uma estrada de seringa tem de 80 a 120 árvores de seringa ou "madeiras".
- 21- José Roberto (colocação Boa Nova): mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 445,50 ; haver de 10 Kg de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 168,00 ; débito de Cz\$ 305,50 . Também não dispõe de estrada de seringa corta apenas em 6 madeiras.
- 22- João Carlos Novo (colocação Transual): mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 339,00 ; haver de 20 quilos de borracha a 14,00 o quilo = Cz\$ 280,00 ; apresentando um débito de Cz\$ 59,00 (correspondente a aproximadamente 4 Kg de borracha). Também não possui estrada de seringa completa, corta algumas "madeiras" do lado peruano.
- 23- Lopes Kamparia (Boca do Breu) : adquiriu mercadorias de empréstimo na cooperativa Kaxinauá, prometendo pagar com feijão "poroto", no valor de Cz\$ 89,95 (não é sócio efetivo da cooperativa). Liderança Kampa do Breu.
- 24- João Palma Kampa (Boca do Breu): mercadorias adquiridas na cooperativa Kaxinauá no valor de Cz\$ 41,70 ; prometeu pagar com feijão "poroto". É um índio Kampa do rio Breu, não é sócio efetivo da cooperativa.
- 25- Maurício Cachacinha (rio Juruá) : mercadorias adquiridas na cooperativa no valor de Cz\$ 156,50 ; é um barranqueiro acreano do Juruá amigo dos Kaxinauás do Breu. Não é sócio efetivo da cooperativa indígena.

Do balanço comercial da Cooperativa Kaxinauá do Breu podemos fazer as seguintes observações:

a- O total dos débitos dos sócios da cooperativa Kaxinauá do Breu em agosto de 1986, é de Cz\$ 22.287,67 (vinte e dois mil, duzentos e oitenta e sete cruzeiros).

b- Produziram, nesse mesmo período, 1.573 quilos de borracha; dependendo do valor de Cz\$ 22.022,00 (vinte e dois mil e vinte e dois cruzeiros) caso a cooperativa comercializar a sua produção de borracha por Cz\$ 14,00 (quatorze cruzeiros) o quilo, o mesmo preço que pagou aos seus sócios.

c- Podemos, então, afirmar que há um relativo equilíbrio entre o consumo de mercadorias (no valor de Cz\$ 22.287,67) e a produção de borracha (valor de Cz\$ 22.022,00) dos sócios da Cooperativa Kaxinauá do rio Breu.

d- De um total de 22 sócios da Cooperativa (já que 3 são apenas produtores eventuais, ou seja, dois Kampa e um barranqueiro acreano ou "brancos"), seis Kaxinauá seringueiros apresentaram saldos, no valor de Cz\$ 3.840,00 (três mil, oitocentos e quarenta cruzeiros).

e- Vários outros seringueiros Kaxinauá só não tiraram saldos por não terem de abrir colocações e estradas de seringa que estavam "no bruto", não dispõem de estradas de seringa suficientes para todos eles (porque a maioria das estradas da área estão ocupadas por seringueiros acreanos) e ainda estão derrubando e plantando os seus roçados de subsistência.

f- Mesmo assim esperam produzir até Janeiro/87, final da safra de borracha de 1986, aproximadamente 4 toneladas (quatro mil quilos) de borracha. Se essa estimativa estiver correta e se o quilo de borracha for vendido a 14,00 (quatorze cruzeiros), dará para cobrir todo o financiamento que receberam em maio de 1986, ou seja, conseguirão a importância de Cz\$ 56 mil cruzeiros (4.000 x 14,00), isto é, mais do que o valor inicial do financiamento que receberam em maio de 1986. E isso só acontecerá se realmente a Funai assumir os débitos anteriores e históricos que os Kaxinauá do Breu tinham com o patrão do Seringal Jacobina. Se isso não acontecer a cooperativa do Breu ficará totalmente descapitalizada.

g- Enfim, a Cooperativa do Breu está organizada e bem administrada pelas lideranças Kaxinauá Felipe Sereno, Laureano Henrique e Leal Henrique.

h- Uma vez demarcada a área indígena do rio Breu (essa é a expectativa de todos os índios Kaxinauá e Kampa para 1987) e retirado todos os ocupantes "brancos" (mediante justa indenização de suas benfeitorias), a Cooperativa Kaxinauá efetivamente se consolidará, aumentando as suas produções extrativas e agrícolas. Os Kaxinauá e Kampa, reunidos em uma assembleia indígena local, apresentaram um esboço da área indígena do Breu (vide anexo) e solicitaram apoio da UNI-Norte, das entidades indigenistas não-governamentais e da Administração Regional da Funai em Rio Branco para...

1- Nome

Em sua própria língua os Kampa autodenominam-se Ashaninka; no sentido amplo significa "os seres humanos" e no sentido restrito pode-se traduzir por "nossa gente" ou "o nosso povo".

O termo Kampa é provavelmente de origem quechua, utilizados pelos primeiros colonizadores espanhóis para distingui-los de outros povos indígenas, seus vizinhos.

No Estado do Acre identificam-se como "Campania", mas não aceitam a designação de "caboclos", como são chamados indistintamente todos os povos indígenas da Amazônia. Para eles "caboclo" é um termo pejorativo, que tende a negar a sua identidade étnica, enquanto um povo culturalmente diferenciado.

Embora todos os Kampa sejam Ashaninka não significa dizer que exista uma solidariedade tribal entre eles. Há, ao contrário, constantes rivalidades intertribais, cujos conflitos tem diminuído consideravelmente nos últimos tempos, dada a dispersão espacial de suas comunidades e também para fazer face ao processo de expropriação de seus territórios tradicionais pelas frentes de expansão/pioneira da Sociedade Nacional.

O termo "tribo" é utilizado apenas como referência etnolinguística. Não existe uma organização tribal comum para as distintas unidades territoriais Kampa.

2- Localização, População e Língua

Os Ashaninka constituem, sem dúvida, um dos povos indígenas mais numerosos da floresta tropical da América do Sul. Vivem atualmente dispersos em um território muito vasto. Suas comunidades são encontradas hoje em dia em inúmeros rios da selva peruana, brasileira e boliviana.

A maioria da população Kampa está localizada em território peruano nas margens e afluentes dos rios Ucaiali, Tambo, Pichis-Pachitea, Sheshea, Ene, Perené e Apurimac. São ainda encontrados no Gran Pajonal, uma região montanhosa pré-andina, compreendida entre os rios Ucaiali e Pachitea.

Do lado brasileiro, em terras acreanas, existem pequenas comunidades Kampa localizadas nas cabeceiras dos rios Juruá, Breu, Amônia, Hunaitá/Murú e Envira.

Na Bolívia seus descendentes são ainda encontrados no vale do rio Madre del Dios.

No Perú existem aproximadamente 25 mil Kampa (Weiss, G. - 1974). J no Estado do Acre são encontrados atualmente cerca de 400 Kampa, assim distribuídos:

- a- No rio Amônia : 250 habitantes
- b- No Jardim da Palma/rio Juruá: 20 habitantes
- c- No rio Breu : 60 habitantes

rio Humaitá/afluente do Juruá 10 habitantes
 - No rio Envira 60 "
 Total 100 habitantes

Proc. N.º 614/87
 Fl. 23
 Rubrica 67

Em Agosto/86 recenseiei 60 Kampa no rio Breu/Município de Craveiro do Sul-Ac., assim distribuído por faixa etária/sexo:

faixa etária	Homens	Mulheres	Sub-Totais
-1 a -5 anos	06	04	10
5 a -10 anos	08	06	14
10 a -15 anos	02	02	04
15 a -20 anos	03	06	09
20 a -25 anos	01	03	04
25 a -30 anos	-	01	01
30 a -35 anos	04	03	07
35 a -40 anos	-	-	-
40 a -45 anos	01	02	03
45 a -50 anos	01	-	01
50 a -55 anos	02	01	03
55 a -60 anos	01	02	03
+ de 60 anos	01	-	01
Total	30	30	60

Do quadro acima podemos fazer os seguintes comentários :

- a) A maioria da população Kampa do Breu é formada por crianças e jovens de menos de 20 anos. No rio Breu chega a 61,6 % de toda a população;
- b) A expectativa de vida entre os Kampa do Breu é muito baixa, pois apenas 1 pessoa (ou 1,6 % da população) tem idade acima dos 60 anos;
- c) Os restantes 36,8 % da população Kampa do Breu está compreendida entre as faixas etárias de 20 a -60 anos;

Existe uma grande mobilidade da população Kampa no lado brasileiro. Os seringueiros/barranqueiros acreanos chamam os Ashaninka de "povo de arribação". Existe, de fato, uma grande instabilidade nos povoados Kampa do rio Breu. Ora estão visitando os seus parentes nas cabeceiras do Juruá, no Jardim da Palma, no Amônia ou no Envira; ora estão no rio Tejo, Sheshea e Ucaiali tirando madeira; ora estão atrás dos primeiros patrões seringalistas/agropccuaristas que lhes convidam para trabalhar como peões em seus seringais e/ou fazendas da região do Alto-Juruá; ora estão simplesmente viajando atrás do cipó txameru, que só existe na boca do rio Tejo com o Juruá, para misturar ou mascar juntamente com as folhas de coca; e assim por diante.

Dizem alguns antropólogos, que conheceram os Kampa, que a instabili

do "de seus povoados" a parte de um resumo da sua relação à ecologia natural e social da região, constituindo na forma de contato com a Sociedade Nacional, sob o título " (Vogel, A. - 1973)

Tudo isso torna difícil e pouco confiável um quadro da população Kampa do lado brasileiro.

Não conheço dados disponíveis para os Kampa que vivem no vale do rio Madre del Dios, em território boliviano. Provavelmente trata-se de uma pequeníssima parcela de sua população.

Os Ashaninka apesar de terem uma língua comum e similaridades culturais não formam um grupo étnico homogêneo.

O território tradicional dos Kampa, segundo o antropólogo norte-americano Gerald Weiss (1974), é dividido em 4 regiões diferentes em dialetos e vários detalhes de sua cultura material e crença:

- a- Kampa da região do rio Ene/Apurimac
- b- " " do rio Perené
- c- " " do rio Tambo
- d- " " do Gran Pajonal

As três primeiras destas regiões permanecem distintas, apesar do constante movimento e intercassamentos entre si; mas entre estas três regiões e a do Gran Pajonal prevalecem condições contrastantes. Os Kampa do Ene/Apurimac, Perené e Tambo, de acordo com Weiss (1974), são chamados de "Kampa dos rios" ou "ribeirinhos". Já os do Gran Pajonal vivem em regiões montanhosas, pre-andinas e são considerados tradicionais inimigos dos "Kampa do rio". Raramente casam-se entre si e as diferenças de dialetos são marcantes.

Os Ashaninka falam dialetos de uma língua do tronco Aruaque, que se encontra difundida desde o território acreano até a região do Gran Pajonal, aos pés das cordilheiras dos Andes.

Os Kampa do rio Breu só falam entre si na língua nativa. Os homens falam muito mal o português regional e utiliza-o apenas para comunicar-se com seringueiros/barranqueiros e seringalistas acreanos. Vários deles falam e entendem um pouco de castelhano. As mulheres e crianças falam somente o idioma nativo, são, portanto, monolíngues.

3- Breve Histórico do Contato

As primeiras tentativas de exploração do território Ashaninka, por missionários jesuítas, datam de fins do século XVI. Em 1595 o missionário jesuíta Font iniciou a invasão do território Kampa, que depois foi retomado no século seguinte pelos missionários franciscanos. Nos primeiros trinta anos do século XVIII intensificou-se a colonização dos territórios imemorais dos Kampa. Já em 1716 os missionários franciscanos tinham um projeto de ocupação militar das minas de sal do "Cerro de la Sal" com a finalidade de conquistar os

N.º 614/81
25
Q

todos eles dependiam da abastecimento de sua terra natal e
longe, à pé e em pelotas rios, varojando em suas unias (canoa indígena).

Os Kampa, desconfiados com esses missionários espanhóis, começaram
lhes a boicotar as suas tentativas de penetrar no interior de seus territó-
rios.

O século XVIII foi marcado pela violenta resposta dos Kampa às ten-
tativas de penetração de missionários franciscanos e de tropas militares es-
panholas no interior de seus antigos territórios.

Em 1742 iniciou-se um movimento de rebelião contra todos os missio-
nários e colonizadores espanhóis. Esta rebelião é tida pelos historiadores,
afirma Varese (1973), como a mais importante rebelião dos povos da selva da
América do Sul. Este movimento foi dirigido por uma figura messiânica chama-
da Juan Santos Atahualpa, que se dizia descendente dos Inkas, filho de Deus
e que foi provavelmente educação numa das missões da área de Cusco.

Atahualpa, ao chegar ao Pajonal, convoca todos os Kampa, Amuecha,
Piro, Conibo, Shipibo e Mochobo para uma guerra aberta contra os espanhóis.
A rebelião é essencialmente indígena (Varese, Stefano - 1973).

De 1742 até 1752, transcorreram dez anos de ações bélicas entre os
indígenas da selva e as tropas espanholas. Usando de táticas de guerrilha,
que tinham no ataque de surpresa seu componente principal, Juan Santos Ata-
hualpa impõe pesadas derrotas às tropas espanholas (idem).

Em 1752 são finalmente expulsos todos os missionários, colonizado-
res e militares espanhóis dos territórios Kampa.

Os efeitos da rebelião de Atahualpa, juntamente com os Kampa e de
mais povos indígenas da selva peruana, foram de longa duração e os territó-
rios imemorais desses índios permaneceram impenetráveis até o final do sé-
culo XIX.

Nos primeiros anos do século XX, mais conhecido como a época do
caucho, reconeguma ocupação dos territórios tradicionais dos Kampa do Gran
Pajonal e dos Kampa dos rios.

O caucho era uma atividade extrativa itinerante, que se cortava e
coletava buscando árvore por árvore, sangrando-as e derrubando-as até a sua
extinção. Exigia uma grande quantidade de mão-de-obra, que soubesse percor-
rer a floresta sem perder-se e que conhecesse as zonas de maior concentração
da "shiringa" (castilão elástica) e que pudesse sobreviver com um punhado de
farinha e que suportasse sobreviver numa total solidão.

O mais notável caucheiro peruano foi, sem dúvida, Don Carlos Fer-
min Fitzcarrald, mais conhecido como "o rei do caucho" (idem).

Trabalhando com um bom número de Kampas, Coshibos, Conibos e Amue-
cha, Fitzcarrald conquistou os rios Pachitea, Alto Ucaiali, o Tambo, o Apurí

O sistema de exploração de caucho mais difundido consistia em capturar um grande número de índios jovens e depois afastá-los de seus locais de origem. Os caucheiros peruanos haviam entendido que esta era a única maneira de dispor de escravos resignados e tranquilos. Os adultos ou velhos eram exterminados à bala, porque não se adaptavam à vida de escravos e eram considerados como elementos perturbadores.

O método mais utilizado por Fitzcarrald para conseguir escravos indígenas consistia em utilizar com eficácia as rivalidades tradicionais existentes entre os próprios índios. Entregava rifles e munições e manufaturados aos Kampa do rio e este tinham que lhe pagar com escravos Kampa do Gran Pajonal ou com escravos Conibo. Depois aviava os Conibo e este tinha que pagar com escravos Kampa ou Amuesha. E assim sucessivamente numa cadeia de "correrias" trágicas, durante mais de 40 anos da história do caucho nas selvas peruanas e brasileiras e boliviana; e cujas consequências os Kampa e demais povos indígenas da América do Sul sentem até nos dias de hoje (idem).

De 1896 até 1912 foram os anos em que a produção do caucho aumentou em ritmo vertiginoso. Chegando a constituir em 1910 a 18% do total das exportações peruanas. Mas o comércio do caucho estava orientado quase que exclusivamente para o Brasil, de modo que grande parte dos benefícios que se poderia obter com esse produto não ultrapassaram a cordilheira dos Andes.

De 1912 em diante, os seringais de cultivo existentes nas colônias inglesas e holandesas (com sementes roubadas do Brasil) irão acabar com a exploração do caucho e da borracha amazônica, provocando-lhes uma drástica queda nos preços e uma grande alta nos custos das atividades extrativistas.

O preço pago pelas populações indígenas foi muito alto. Para alguns povos significou um verdadeiro genocídio. Outros quase desapareceram. Esse foi o preço que as populações autóctonas da amazônia tiveram que pagar pela contribuição que deram para a prosperidade material do mundo ocidental, principalmente para as indústrias automobilística e pneumáticas dos países europeus, particularmente da Inglaterra.

Os Ashaninka, graças às circunstâncias históricas e culturais favoráveis, conseguiram sobreviver e manter-se como uma das maiores populações indígenas da América do Sul.

A presença dos Kampa em território acreano remonta ao final do século XIX. No auge do extrativismo do caucho e do comércio de escravos indígenas eles foram vendidos para alguns caucheiros peruanos, que os trouxeram para o Brasil e também para a Bolívia. Os escravos Kampa, que foram forçados a coletar caucho/borracha/peles/madeira, deixaram seus descendentes no Acre e na Bolívia.

do século III. Desde então encontram-se povoados Kampa no Breu. Há em os seringueiros acreanos do Alto-Juruá, que desde o tempo do peruano Júlio Peres, um dos primeiros exploradores deste rio Breu, viviam lá mais de 300 índios Kampa. Agora em Agosto/86 foram recensados somente 60 Kampa. O importante é ressaltar que antes mesmo dos brasileiros ocuparem o Breu a partir de 1905, os Kampa lá viviam, já que foram recrutados como escravos pelos caçadores peruanos.

4- Atividades Econômicas

Os Kampa do Breu são considerados excelentes agricultores. Praticam uma agricultura de coivara, onde plantam, sobretudo, a macaxeira (mandioca mansa), banana, várias espécies de feijão, algodão, urucú, tabaco, uaca (tingui) e plantas medicinais.

Os Kampa vivem basicamente dos frutos da terra e complementam a sua subsistência com a caça e a pesca.

A unidade econômica efetiva é a família conjugal (pai, mãe e filhos), na qual a divisão sexual do trabalho assume a seguinte forma: os homens fazem todas as caçadas, a maior parte das pescarias e algumas coletas de frutas das matas. Eles ainda brocam, derrubam e plantam os roçados, constroem casas e confeccionam artesanatos, tais como, arcos e flechas, ubás (canoas), pulseiras e colares. Já as mulheres fazem as colheitas dos roçados, cozinham diariamente, confeccionam cerâmica, cestaria, tecelagem e ainda cuidam das crianças.

Não há propriedade nos territórios de caça e sítios de pesca. Só existe propriedade em relação aos roçados e artesanatos.

Aves domesticadas se encontram em quase todos os terreiros das moradias Kampa do Breu, principalmente galinhas e patos. Em nenhuma moradia foram encontradas criações de porcos.

O corte da seringa, ao contrário dos Kaxinauá, não fazem parte das atividades econômicas dos Kampa do Breu. Já a extração de madeiras de lei, principalmente o agoano e o cedro, é uma atividade muito importante nos rios Amônia, Breu e Alto Envira. É através da venda dessas madeiras e do feijão "poroto" (ou peruano) que os Kampa obtêm os recursos de consumo que são produtos da Sociedade Nacional.

Ainda se empregam periodicamente, notadamente nos meses de verão, como peões nas sedes dos seringais e fazendas da região.

Qualquer pagamento é feito "à troca". Neste escambo simples a vantagem está sempre do lado dos "patrões", pois tanto a madeira de lei, o caucho, o feijão e a diária valem pouco, enquanto os manufaturados alcançam pre-

A organização social da força de trabalho dos Kampa é bastante peculiar, principalmente em função da busca de um "bon patrão".

5- A Organização Política

Os Kampa vivem em pequenas comunidades, que consistem de 1 a 5 famílias conjugais, separadas espacialmente uma das outras. Poucas comunidades são suficientes grandes para serem chamadas de aldeias.

As pequenas comunidades são politicamente autônomas, pois não existe nenhuma chefia tribal. Cada comunidade possui o seu chefe, que exerce a sua liderança informalmente, sem imposições de quaisquer tipos. No passado havia a figura do "curaca" (termo de origem quéchua), um grande líder, que dominava politicamente várias pequenas comunidades. Atualmente no Breu não existe mais "curaca".

6- O Parentesco

A unidade institucional do parentesco Kampa é a família conjugal, formada pelo pai, mãe e filhos. Em geral as famílias conjugais são monogâmicas, havendo no passado alguns casos de poligenia apenas em relação aos "curacas".

Segundo Weiss (1974) não existem entre os Kampa famílias extensas, linhagens, sibs e metades.

A regra de casamento preferencial é entre primos cruzados bilaterais. Quando não há primas disponíveis qualquer outra mulher, que não seja parente próxima, pode ser tomada como cônjuge.

A regra de residência após o casamento é matrilocal. Dizem os Kampa do Breu que quando um deles casam deve morar, nos primeiros anos, próximo aos seus sogros e prestar-lhes serviços, principalmente no campo econômico.

Não existe cerimônia de casamento entre os Kampa. O casamento é, antes de tudo, o resultado de um entendimento formal entre os pais, cunhados ou entre o pretendente e o pai da mulher. Só é consumado após a primeira menstruação da moça.

7- A Organização Religiosa

São os pagés ou xamãs que realizam a vida religiosa entre os Kampa. Estes especialistas, também conhecidos como "médicos", são chamados "sheripiari" (ou seja, "aquele que é transfigurado pelo uso do tabaco") ou "antiviari" ("aquele que é totalmente transfigurado").

Todos os pagés Kampa são homens e só recebem o nome de "sheripiari" ou "antiviari" (o mais importante deles) depois de uma longa aprendizagem,

Os pajés quando dirigem os rituais da ayahuasca, é uma bebida, em forma de chá, preparada pela mistura da casca de um determinado cipó (kamaxarpi) e de folhas de uma pequena árvore (rorcuá) e cozida demoradamente ao fogo.

Ào cair da noite, quando o chá está completamente frio, o pajé toma uma certa quantidade dessa bebida e dá de beber às outras pessoas. Fica depois em silêncio, concentrado, quando é chamado para diagnosticar a causa de uma doença. Sopra, então, fumaça de tabaco de seus cachimbo sobre a parte afetada do corpo do paciente, bebe mel de tabaco e faz uma série de sucção para retirar a doença.

Depois da cura ele começa a cantar os seus hinos, às vezes canta a noite inteira. Afirmam os Kampa que o pajé ao cantar está apenas repetindo o que ele ouve, ou seja, as canções dos bons espíritos, pois são nestas festas que os encantados vem cantar e dançar nas visões dos pajés e dos outros participantes. Estes encantados podem ser o japó, a cobra d'água, o japiim e outros seres das matas, isto é, os espíritos dos outros seres da floresta. A cerimônia da Ayahuasca é realizada frequentemente pelos Kampa do Breu, Amônea, Juruá, Humaitá e Envira. Os poderes especiais dos pajés, dados pelo consumo contínuo do tabaco e da ayahuasca, permite-lhes ver os espíritos em sua forma verdadeira ou humana.

7- Diversões

O Kampa é um povo alegre, usam seus tradicionais cusmas, pintam-se de urucú, fazem suas festas, dançam, cantam e tocam tambores e flautas.

A festa da caissuma é o maior divertimento dos Kampa. As mulheres passam vários dias preparando esta bebida fermentada de massa de macaxeira e que é muito semelhante a nossa cerveja. Algumas comunidades vizinhas são convidadas para esta festa. Enquanto houver caissuma e isso pode durar vários dias há danças e cantorias. Esta festa é "o maior barato" dos Kampa e é considerada com grande alegria e camaradagem por todos eles.

No rio Breu, todos os fins de semana, os Kampa realizam as festas da caissuma e da qual participam muitos seringueiros e barranqueiros acreanos. Dançam forró regional a noite inteira, utilizando eletrolas, discos, gravadores, sanfonas, violões e chocalhos. Enquanto houver caissuma a festa rola.

a) É de fundamental importância a demarcação de uma área indígena no rio Breu, que inclua todas as colocações e estradas de seringa, abundante e terras de cultivo. Segue, em anexo, o mapa da área indígena, proposto pelos próprios índios, de acordo com as suas necessidades e as suas aspirações. É interessante observar que as terras atualmente ocupadas pelos barranqueiros acreanos do Breu ficam fora dos limites dessa área proposta pelos Kaxinawá. Desse modo apenas os seringueiros regionais e o "patrão" seringalista serão retirados da área, mediante justa indenização de suas benfeitorias. As terras pleiteadas são de ocupação antiga e de uso e residência atual dos grupos indígenas.

b) É necessário e urgente que a Funai e o Inera realizem os levantamentos fundiários de todas as benfeitorias que os seringueiros e o patrão seringalista possuem dentro da área proposta. Todos eles estão dispostos a se retirar da área indígena sem maiores conflitos com os índios, desde que recebam as indenizações de suas benfeitorias.

c) Também é muito importante que a Administração Regional da Funai em Rio Branco assumam os débitos anteriores e históricos, no valor de R\$ 33.007,10 (trinta e três mil, sete cruzados e dez centavos), que os Kaxinawá do Breu tinham com os patrões ~~em~~ seringalistas antes da implantação de sua cooperativa. O pagamento desses débitos, além de evitar sérios conflitos entre os índios e os patrões do seringal Breu, não prejudicará a safra de borracha da cooperativa Kaxinawá, que está sendo financiada pela Comissão Pro-Índio do Acre.

d) É preciso que a cooperativa Kaxinawá do Breu receba um novo financiamento para a sua definitiva consolidação em 1987.

e) É ainda importante que seja implantada uma cooperativa para a comunidade Kampa do Breu, de modo a implementar de um modo mais favorável o seu contato com a sociedade nacional. Nesse sentido a Administração Regional da Funai em Rio Branco já encaminhou a importância de Cz\$ 18.485,00 (dezoito mil ; quatrocentos e oitenta e cinco cruzados) para compra de mercadorias e um motor rigg e Stratton de 10 Hp, no valor de Cz\$ 8.895,00 (oito mil, oitocentos e cinquenta e cinco cruzados) para a implantação de uma pré-cooperativa indígena. A própria comunidade Kampa ficou encarregada de construir o barco de sua cooperativa.

f) Implantar um programa de assistência médico-sanitária permanente no rio Breu. O primeiro passo para isso já foi dado pela equipe de saúde da Comissão Pro-Índio do Acre, que realizou um curso de agente de saúde no rio Jordão, do qual participaram sete Kaxinawá do Jordão e um índio Kaxinawá do rio Breu. É ainda importante treinar dois dentistas práticos, um para o Jordão e outro para o Breu.

6/4/87
31
CP

... não possui mais laços de uma família...
com os parentes. Já existe uma escola funcionando na comunidade Xaxinauá do
rio Breu, com um monitor indígena treinado e já contratado pela Administração
Regional da Funai.

h) Enfim, é necessário e urgente a criação de uma frente de atração
nos rios Jordão/Breu, de modo a evitar que os índios arredios continuem sa-
queando as casas das famílias Xaxinauá, como vem ocorrendo crescentemente nos
dois últimos anos.

Rio Branco, 06 de Janeiro de 1987

Terri Valle de Aquino
Terri Valle de Aquino - Pres. da CPI-Acre

Bibliografia:

Aquino, T. - 1977 "De Seringueiro Caboclo à Peão Acreano"
ms. Dissertação de Mestrado no Curso de
Antropologia Social da UnB /Brasília-DF

Ivalkof, S. 1986 "El Drama Actual del Gran Pajonal. Primeira Parte:
Recursos, Historia, Población y Produccion Asháninka"
Rev. Amazonía Indígena - Año 6 Nº 12 - Agosto/86

Iverson, S. 1986 "El Impacto de la Agricultura Comercial en las Comunidades
Nativas del Perené" - Rev. Amazonía Indígena - Año 6 Nº12
Agosto/86

Marrese, S. 1973 - La Sal de los Cerros - Una Aproximación al Mundo Campa
Lima Retablo de Papel - 2ª edição

Miss, G. 1969 "The Cosmology of the Campa Indians of Eastern Peru"

Mogel, A. e Seeger, A. 1978 "Relatório da Viagem ao Alto Rio Juruá, Mato Grosso do Sul"
entregue na Funai/BSB

DENOMINAÇÃO

ÁREA INDÍGENA KAMPA KAXINAWA DO BREU

ALDEIAS INTEGRANTES

PATOÁ, BOA NOVA e COQUEIRO

GRUPOS INDÍGENAS

KAMPA KAXINAWA

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: CRUZEIRO DO SUL e TARAUACA ESTADO: AC.
UNIDADE REGIONAL DA FUNAI 5ª SUER.

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	9927'10"	72924'05"
LESTE	9937'15"	72912'30"
SUL	9942'10"	72915'30"
OESTE	9928'40"	72924'40"

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
	1:200		1977

DIMENSÕES

ÁREA : 23.840 ha.
PERÍMETRO: 130 Km.

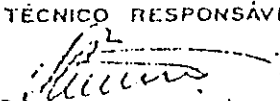
ÁREA:

NORTE : Partindo do Ponto 01 de coordenadas geográficas aproximadas 9927'10"S e 72924'05"Wgr, situado na cabeceira do Igarapê Coxiri, daí segue pelo divisor de águas do Rio Breu com o Igarapê Caipora até encontrar o Ponto 02 de coordenadas geográficas aproximadas 9927'40"S e 72915'20"W situado na cabeceira do Igarapê Buscan.

LESTE : Do Ponto 02 segue-se o Igarapê Buscan até o Ponto 03 de coordenadas geográficas aproximadas 9928'40"S e 72915'20"W, situado a sua margem; daí, segue-se por uma linha seca até o Ponto 04 de coordenadas geográficas aproximadas 9928'20"S e 72913'30"Wgr; daí, segue por uma linha seca até o Ponto 05 de coordenadas geográficas aproximadas 9932'00"S e 72912'30"W; daí, segue-se por uma linha seca até o Ponto 06 de coordenadas geográficas aproximadas 9934'20"S e 72913'00"W; daí, segue-se por uma linha seca até o Ponto 07 de coordenadas geográficas aproximadas 9937'15"S e 72912'00"W; daí, segue-se por uma linha seca até o Ponto 08 de coordenadas geográficas aproximadas 9938'00"S e 72913'10"W; daí, segue-se por uma linha seca até o Ponto 09 de coordenadas geográficas aproximadas 9938'00"S e 72914'35"W; daí, segue-se por uma linha seca até o Ponto 10 de coordenadas geográficas aproximadas 9938'40"S e 72913'40"W; daí, segue-se por uma linha seca até o Ponto 11 de coordenadas geográficas aproximadas 9942'10"S e 72915'30"W.

SUL : Do Ponto 11, segue-se o Rio Breu a jusante até o Ponto 12 de coordenadas geográficas aproximadas 9928'40"S e 72924'40"W.

OESTE : Do Ponto 12, segue-se o Igarapê Coxiri até o Ponto 01, início deste memorial descritivo.

LOCAL: BRASÍLIA	TÉCNICO RESPONSÁVEL: 	VISTO:
DATA: 14.05.87	LEVIO NATAL L. DE OLIVEIRA Téc. Agrimensura/DID/SUAF	

